

SINDICATO DOS MÉDICOS
DO RIO DE JANEIRO

Toda a mostra "Arte Agora" 205 obras foi destruída

Oitenta pinturas, murais transferidos para tela, madeiras incisas ou pintadas e objetos produzidos por um dos pioneiros da vertente construtiva na arte do século XX — o uruguaio Joaquín Torres García (1974-1949); 125 quadros, desenhos, esculturas de 26 artistas latino-americanos, entre os quais 12 brasileiros, era o conjunto de obras da **Arte Agora III — América Latina: Geometria Sensível** que ficaria exposta no MAM até 22 de julho.

Em dois andares do Bloco de Exposições do Museu de Arte Moderna, a terceira edição da série **Arte Agora** — patrocinada pelo JORNAL DO BRASIL e Light — tinha como objetivos oferecer um panorama e traçar um roteiro da adesão ao espírito geométrico da arte latino-americana do meio século de trabalho.

A idéia

Um ano inteiro foi necessário para que o projeto se transformasse no fato concreto, aberto ao público no dia 8 de junho. A idéia-mestra da **Arte Agora III** nasceu com a proposta, do diretor do Museu Nacional de Artes Plásticas de Montevideu, Angel Kalenberg, de apresentar no Brasil a retrospectiva do período construtivo de Joaquín Torres García, por ele organi-

zada para o Museu de Arte Moderna da Cidade de Paris, em 1975.

Para concretizar a exposição, dois núcleos interligados a compuseram: no primeiro, os 80 trabalhos de Torres García dos anos de 1928 a 1944; no outro, 125 obras de 26 artistas vivos, nascidos ou ativos na América Latina. Os 12 brasileiros e os mexicanos, venezuelanos, colombianos, peruanos, uruguaios e argentinos foram contatados diretamente em seus locais de trabalho pelo crítico Roberto Pontual.

Para aprofundar a simples amostragem do percurso, a mostra se completou com a edição do livro **América Latina: Geometria Sensível** (250 páginas e cerca de 300 ilustrações), além de conferências e debates programados para o período em que a exposição permanecesse aberta no MAM.

Além dos trabalhos de Joaquín Torres García, as obras expostas eram de autoria de: mexicanos Vicente Rojo (1932) e Enrique Carbajal Sebastian (1947); venezuelanos Alejandro Otero (1921) e Jesus Rafael Soto (1923); colombianos Edgar Negret (1920), Omar Rayo (1928), Carlos Rojas (1933) e Ana Mercedes Hoyos (1942); peruano Condeso (1947); uruguaios Washington Barcala (1920) e Nelson Ramos (1932); argentinos Marcelo Bonevardi (1929), Mercedes Esteves (1937) e Jacques Bedel

(1947) e brasileiros Alfredo Volpi (1896), Mira Schendel (1919), Amílcar de Castro (1920), Arcangelo Ianelli (1922), Rubem Valentim (1922), Eduardo Sued (1925), Avatar Moraes (1933), Antonio Dias (1944), Adriano D'Aquino (1946), Paulo Roberto Leal (1946), Ronaldo do Rego Macedo (1950) e Wilson Alves (1951).

Mostra especial

Joaquín Torres García é considerado um dos nomes básicos do projeto construtivo. Pintor e escritor, nasceu em Montevideu em 1874 e morreu em 1949.

Ainda adolescente, Joaquín Torres García transferiu-se para a Espanha, onde estudou pintura e desenho. Atraído pela pintura mural de Puvis de Chavannes, sob sua influência decorou as igrejas de San Agustín e San Jorge, a Sala del Ayuntamiento e o Salón de San Jorge de la Diputación, de Barcelona; executou vitrais para a Catedral de Palma de Mallorca.

Em Montevideu dedicou-se ao ensino da arte e publicou diversos ensaios e estudos sobre problemas plásticos e estéticos. Tem obras incluídas, postumamente, na 1ª e 2ª Bienais de São Paulo, realizadas em 1951 e 1953, quando ficou conhecido, finalmente, pelos críticos brasileiros.



Uma parte de uma peça foi só o que sobrou das 80 obras do uruguaio Joaquín Torres García

Além das cinzas

Roberto Pontual

Poucos dias serão necessários para que se complete o inventário das perdas materiais sofridas pelo MAM: isto é tarefa estatística, a cumprir com rapidez e frieza. Mas quanto tempo passará até que a cena artística brasileira, e também universal, se recupere da imensa, inesperada e inconcebível lacuna aberta pela catástrofe? O fato é que o fogo foi veloz, devastador e definitivo. Os montes de cinzas, os ferros retorcidos, os estilhaços de vidro, os restos irreconhecíveis de toda espécie de material resumem — nesse negrume fantasmagórico em que se transformou o esplêndido bloco administrativo e de exposições do Museu — não só o que antes eram ali as 200 obras da mostra **Arte Agora III / América Latina: Geometria Sensível**, como também a quase totalidade do acervo, a biblioteca e o arquivo da instituição. Salvaram-se umas poucas esculturas mais resistentes, a pequena livraria no foyer e, felizmente, o essencial da Cinemateca.

Se o quadro assim descrito é por si mesmo contrastador, as dimensões do desastre vão muito além da mera relação de perdas e danos. Pensemos primeiro no acervo do MAM, do qual restam agora menos de 20% de peças intactas ou recuperáveis. Ainda que ele fosse deficiente na captação do que melhor se produziu na arte brasileira e internacional do século XX, ali estavam algumas obras de indelével grandeza e importância nesse panorama — basta lembrar as de Picasso, Miró, Magritte, Dali, Ernst, Mondrian, Albers, Rothko, Léger, Siqueiros, Rivera, Portinari, Segall, Di Cavalcanti, Serpa, etc. Para um país em que as coleções dos museus são, na grande maioria, sabidamente incompletas e débeis na sua representatividade, sobretudo em termos contemporâneos, o desaparecimento de qualquer obra é lamentável. Que dizer, então, quando mais de mil delas se reduzem a cinzas? E quando, junto com isso, se vão para sempre os incontáveis volumes de uma biblioteca especializada e os documentos todos de um vasto arquivo amalhado durante duas décadas a fio? Não foi apenas o patrimônio do MAM que se perdeu no incêndio: parcela enorme da memória nacional virou entulho e fumaça junto com ele.

Há, no entanto, um detalhe muito mais grave em tudo isto, cujas repercussões internacionais negativas para nós só tendem a crescer e a se ramificar com o tempo. É que a queima total — absolutamente total — das 80 obras de Joaquín Torres García, reunidas na exposição **Arte Agora III**, vem eliminar do mapa um ponto de honra do patrimônio artístico de outra nação do continente latino-americano. Ali estavam, em retrospectiva, as pinturas e os objetos em madeira incisa e pintada mais significativas do período *constructivista* (1928-1944) do pintor e teórico uruguaio morto em 1949, hoje internacionalmente reconhecido como um dos artistas de maior vitalidade e importância na arte do século XX, fundador de uma linguagem ao mesmo tempo concisa e simbólica, universal e americana. Para o Uruguaio, onde todas essas obras encontravam-se conservadas, a sua destruição passa a ser uma tragédia nacional. Tanto quanto para nós seria a perda maciça das fases *pau-brasil* e *antropofágica* de Tarsila do Amaral, dos anos 20, ou dos murais históricos de Portinari. Agora, o fundamental da obra de Torres García só poderá ser visto em museus e coleções da Europa e EUA.

Ficamos assim, mais uma vez, no meio do mais franco desprestígio frente à comunidade internacional da arte. Exatamente quando começávamos a afirmar algum respeito neste setor — como demonstrou a receptividade dada à comunicação sobre a mostra **América Latina: Geometria Sensível** no recente Encontro Ibero-Americano de Críticos de Arte e Artistas Plásticos, de Caracas — a catástrofe do MAM certamente voltará a instalar um sentimento de desconfiança quando às nossas reais possibilidades de lidar com os assuntos culturais. A verdade é que, aqui mesmo, sabemos como são cada vez mais precárias as condições em que se processam a produção, a circulação, o consumo e o estudo do fenômeno artístico. Numa visita ao Museu Nacional de Belas-Artes, o Ministro da Educação encontrou fios desencapados; noutra instituição, sumiu uma gravura de Durer; a cúpula do Teatro Municipal esteve prestes a desabar; há quase 10 anos, o Museu Histórico Nacional vem sendo restaurado; e em Ouro Preto perde-se a cada dia um pouco mais de seu esplendor colonial. Não seriam todos esses indícios e fatos, ao lado da tragédia da madrugada de sábado, elementos suficientes para um despertar definitivo da consciência em torno do que persiste de enganoso, frágil e errado na base da atividade cultural brasileira?

Trata-se, agora, de imediato, de aproveitar uma lição. Tudo deve ser feito para a recuperação rápida e total de um prédio e de um espírito que, com seus acertos ou falhas, foram abrigos de diversos dos mais significativos e fertilizadores momentos da cultura e da arte brasileira nos últimos 20 anos. É fundamental que o MAM volte a funcionar plenamente no prazo de urgência que se espera posto em prática na sua recuperação. E que isto se processe em moldes atuais, modernizados, profissionais, mantendo e aperfeiçoando um dos raros espaços de atualização do público e de experimentação do artista, de que dispúnhamos no Brasil. Todo o sistema da arte fica em suspensão até que isto se conclua.



Há um mês, o crítico Roberto Pontual explicava ao Governador Faria Lima diante da Condessa Pereira Carneiro a importância da Exposição

Seguro não cobre Torres Garcia

"Nós não supúnhamos que esse tipo de catástrofe ainda ocorresse. Para não encarecer o custo da exposição do pintor Torres García, fizemos um seguro de 600 mil dólares para a cobertura do transporte aéreo e de 400 mil para a mostra em si. As obras incendiadas, além de significarem a devastação do melhor período de um dos maiores pintores latino-americanos, representam um prejuízo de cerca de 2 milhões 500 mil de dólares", afirmou em Montevideu, o Sr Angel Kalenberg, diretor do Museu Nacional de Artes Plásticas.

"Nosso museu ficou sem uma só obra do período construtivo de Torres García, que vai de 1927 a 44. Seus herdeiros também perderam a coleção privada e alguns colecionadores uruguaios que emprestaram as obras, sempre na suposição de que desgraças desse tipo não ocorrem porque se previnem, perderam as obras. E' prová-

vel que a partir de agora haja mais quadros da fase construtiva do pintor espalhados pelos museus da Europa do que no Uruguai".

Desolação

"Desde o instante em que tomou conhecimento do incêndio, o Sr Kalenberg ligou ao seu telefone um aparelho de recados gravados, informando que sua família estava fora da cidade. Só em alguns casos comunicava-se de volta com os que o procuravam. Desolado, o diretor do museu informa que não poderá vir ao Rio, "pois me é praticamente impossível sair agora".

"Estou perplexo. Não me recordo de desgraças semelhantes. Acredito que o último incêndio em museu ocorreu há mais de 30 anos, em Bogotá. Os jornais e emissoras do Uruguai tratam desse acontecimento como uma tragédia para o país. Perdeu-se a parte mais im-

portante da obra de nosso maior pintor, que viveu até os 75 anos."

"Nós pensávamos que havia mais segurança; os 400 mil dólares do seguro não cobrem sequer uma parte mínima do prejuízo material. Esperamos agora uma forma de apurar as responsabilidades."

Colecionador

O Sr Jean Boghici, colecionador romeno naturalizado brasileiro, perdeu seis quadros de Joaquín Torres García e criticou a direção do MAM por permitir a mistura de "coisa de periculosidade ao lado de coleções como essas" — referia-se aos equipamentos da Sala Corpo e Som.

Acrescentou que sua preocupação maior era com os quadros cedidos pela viúva do pintor, D Manuelita (com quase 100 anos), que os "considerava sua herança para os filhos".

Fundadora do Museu sonhou com o incêndio e aviso

Arlette Chabrol
Correspondente

Paris — "Sonhei várias vezes com um incêndio no Museu. Então escrevi, telefonei ao Brasil para avisá-los e dizer que tomassem todas as medidas de segurança. E aí está, aconteceu". Apesar do bresságio, a fundadora do MAM, D Niomar Moniz Sodré Bittencourt, não conseguiu ontem aceitar o fato: "É terrível. Continuo esperando que seja um pesadelo e eu possa acordar".

Tomando calmantes durante todo o dia em seu apartamento da Av. Paul Doumer, perto do Trocadero, cercada de fotos das obras perdidas, D Niomar sente-se abalada demais para embarcar logo para o Rio, embora esteja decidida a isso: "É preciso recomeçar tudo, mas agora quem vai confiar no Museu de Arte Moderna do Rio?".

Um filho

"Não era um museu muito rico", ela admite. "Mas cada peça foi escolhida com cuidado. No fundo, é toda a minha vida. Um pouco como um filho. Tomou seu próprio destino, mas tudo o que lhe acontecia continuava a me atingir. Ontem mesmo estive em Londres preparando uma exposição que iria ao Rio em outubro, sobre as origens da arte no Brasil. E agora, tudo acabou".

D Niomar recebeu a notícia ontem de manhã, pelo telefone, de sua amiga D Isaura, a responsável pelo acervo. "Ela me disse que tudo queimou: Tudo é insubstituível. Não consigo acreditar. É horrível. Perguntei pelas telas de Picasso, de Soulages, Poliakoff, Hartung. Só restam cinzas. Consolou-me dizendo que as esculturas de Brancusi não foram destruídas, mas estão bastante chานุածadas".

"Pediram-me que voltasse ao Rio. É preciso. Mas não sei, não consigo pensar. Estou abalada demais para tomar

qualquer decisão. Preciso dormir, tenho a impressão de que minha cabeça vai estourar".

Luta pela arte

O apartamento parisiense de D Niomar, coberto de telas de mestres contemporâneos, ajuda a entender que ela vive para a arte. E lutou desde o início para impor o Museu de Arte Moderna. "Lembro da grita que houve no país quando votara a primeira subvenção de Cr\$ 10 mil para a construção. Diziam que era um escândalo, que o Museu era um luxo, e o Brasil precisava mais de creches e hospitais. Foi preciso brigar também com os empregados do Museu, nos primeiros tempos. Eu queria que ficasse aberto aos sábados e domingos o dia todo, mas eles não entendiam, porque ninguém aparecia. Mas insisti, porque era preciso ter paciência até que o hábito se criasse".

Agora é formidável, no domingo o Museu fica cheio, as crianças correm nos gramados. Hoje os cariocas tomaram o hábito de ir ao Museu. Todos lucram com isso, inclusive as galerias, que agora estão sempre pretas de gente nos dias de lançamento".

E agora? Recomeçar? D Niomar diz que é sempre possível reconstruir as instalações, apesar dos problemas financeiros. "Mas as obras? Como substituí-las? Estão perdidas para sempre. E o pior é que depois de ter levado anos para tornar esse Museu digno de crédito junto aos artistas e museus internacionais, teremos que partir do zero. Quem, amanhã, confiará no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro para emprestar telas, quando se viu como ele queimou depressa? E os bombeiros? Não compreendo por que eles levaram 40 minutos para chegar. Isso realmente não é normal".

GENAFOR

Registro n.º 003
CFMO-MTB

CURSOS

O Centro Nacional de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, Fundação vinculada ao Ministério da Educação, com o objetivo de colaborar no desenvolvimento da Formação de Mão-de-Obra.

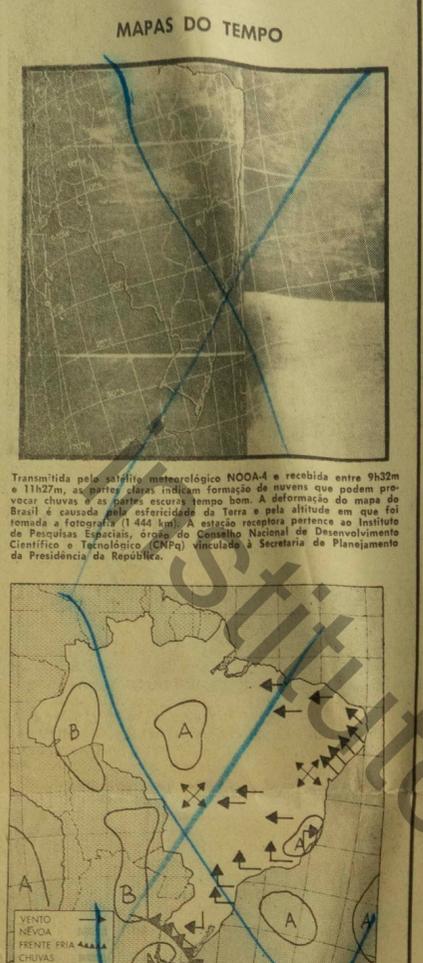
CURSO DE IMPLANTAÇÃO
DATA: 07/08 a 18/08/78 HORARIO: 8h às 18h
TAXA: Cr\$ 6.700,00
DESTINADO A: Profissionais da área

CURSO DE CULTURA EM SITUAÇÃO
DATA: 14/08 a 18/08/78 CARGA HORARIA: 40 horas
DESTINADO A: Profissionais de Administração Pessoal

CURSO DE FORMAÇÃO
DATAS: 28/08 a 01/09/78 11.ª Moeda
11/09 a 15/09/78 12.ª Moeda
25/08 a 29/09/78 13.ª Moeda
HORARIO: 9h às 18h horas
DESTINADO A: Profissionais da área
TAXA: Cr\$ 10.700,00

DOCENTES: Equipe Técnica do Pro-grama de Formação de Pessoal de Nível Superior
N.º DE PARTICIPANTES: Mínimo 10
O GENAFOR também presta assessoria em cursos fechados e implantações
Inscrições: Até uma semana antes

INFORMAÇÕES: Rua...
Tel.: 228-1...



ANÁLISE SINÓTICA DO MAPA DO DEPARTAMENTO NACIONAL DE METEOROLOGIA INTERPRETADA PELO JB — Frente fria localizada sobre o Prata estendendo-se pelo interior da Argentina. Anticiclona polar de centro de 1017 mb, localizado em 36°S e 60°W.

NO RIO

Pará — Bom com nebulosidade a ocasionalmente nublado sujeito a instabilidade passageira. Temp.: estável. Máx.: 31,2. Mín.: 22,6.

Piauí e Ceará — Bom com nebulosidade variável. Temp.: estável. Máx.: 29,2. Mín.: 23,4.

Rio Grande do Norte — Paralisa e Pernambuco — Bom com nebulosidade a ocasionalmente nublado. Sujeito a instabilidade pela madrugada e manhã no litoral. Temp.: estável. Máx.: 28,0. Mín.: 21,0.

Alagoas e Sergipe — Bom com nebulosidade a ocasionalmente nublado com instabilidade pela madrugada e manhã. Temp.: estável. Máx.: 26,4. Mín.: 21,4.

Bahia — Nublado com instabilidade de no litoral, nas demais regiões bom com nebulosidade a ocasionalmente nublado. Temp.: estável. Máx.: 24,6. Mín.: 21,4.

Mato Grosso — Bom com nebulosidade variável. Temp.: estável. Máx.: 34,3. Mín.: 16,4.

Goiás e Brasília — Bom com nebulosidade variável. Temp.: estável. Máx.: 28,6. Mín.: 11,0.

Minas Gerais — Bom com nebulosidade variável. Nevoeiros esparsos pela manhã no Sul, instabilidade ocasional no Nordeste e Este do Estado. Temp.: estável. Máx.: 24,3. Mín.: 17,4.

São Paulo — Bom com nebulosidade variável. Nevoeiros esparsos pela manhã, possível instabilidade passageira pela madrugada no litoral Norte. Temp.: estável. Máx.: 16,4. Mín.: 13,6.

R. G. do Sul — Bom com aumento de nebulosidade, podendo se instabilizar no período, principalmente no Sul, nevoeiros esparsos pela manhã. Temp.: estável. Máx.: 23,2. Mín.: 11,6.

O SOL

Nascer: 4h34m
Oculto: 17h22m

A LUA

NOVA

De 5 a 12 de julho

A CHUVA

Chuva (em mm): recolhida no posto do Flamengo do Departamento Nacional de Meteorologia Cidade do Rio de Janeiro.

Nas últimas 24 horas	0,0
Acumulada este mês	3,6
Normal mensal	42,5
Acumulada este ano	588,5
Normal anual	1.075,8

OS VENTOS

Do quadrante Este e Norte, fracos

O MAR

MARES

Rio-Niterói	—	Preamar: 4h32m/1,3m	—	17h09m/1,2m				
Baixa-mar:	1h48m/0,3m	Cabo Frio	—	Preamar: 4h27m/1,1m	—	17h12m/1,1m		
Baixa-mar:	1h50m/0,2m	e 23h27m/0,5m	—	Angra dos Reis	—	Preamar: 4h12m	—	16h40m/1,0m
Baixa-mar:	12h/0,2m	—	—	—	—	—	—	—

TEMPERATURAS

Dentro da baía	22º
Fora da barra	22º

TEMPO NO MUNDO

Temperaturas máximas de ontem e previsão do tempo para hoje nas cidades seguintes: Londres, 17, chuvoso — Los Angeles, 26, bom — Miami, 26, ensolarado — México, 21, nublado — Miami, 29, chuvoso — Montreal, 31, nublado — Moscou, 22, nublado — Nova Deli, 35, nublado — Nova Iorque, 30, bom — Nicóssia, 41, ensolarado — Oslo, 15, nublado — Paris, 19, chuvoso — Roma, 26, ensolarado — São Francisco, 17, nublado — San Juan, 31, nublado — Estocolmo, 18, nublado — Taipé, 35, bom — Teerã, 31, bom — Tel Aviv, 31, claro — Tóquio, 33, nublado — Viena, 23, nublado.

de arte

A Fiat Automóvel faz dois anos E reparte o bolo com brasileiros.

Desde a inauguração de sua fábrica, em Betim, Minas Gerais, a Fiat Automóveis tem contribuído para a desconcentração espacial da indústria.

Em outras palavras, tem concorrido para a repartição do bolo do desenvolvimento nacional.

Primeiro, ela trouxe novos empregos para o interior brasileiro. Aproximadamente 46 mil pessoas estão sendo beneficiadas com a sua implantação.

Segundo, atraiu pelo menos 20 empresas para Minas, com 9 mil empregos e investimento que já soma CR\$ 5,5 bilhões.

Terceiro, criou um novo núcleo de mão-de-obra especializada, treinando de 4.500 pessoas.

Agora, colaborando com o esforço do Governo Federal para que os benefícios da desconcentração industrial cresçam por todo o País, Fiat Automóveis lança o

40245

Orânea

CAIXA ECONÔMICA FEDERAL

VENDA DE IMÓVEIS

A CAIXA ECONÔMICA FEDERAL — FILIAL DO RIO DE JANEIRO comunica que venderá pela melhor oferta, de acordo com o edital que se encontra à disposição dos interessados, os imóveis a seguir caracterizados:

- TIPO: casa constando de varanda, sala, 2 quartos, banheiro, cozinha e área de serviço, com cerca de 49,50 m² de área construída. Medo o terreno 135,00 m². ENDEREÇO: Rua Zeferino, 1.001, lote 135, quadra 6 (atual n.º 1.290), Mesquita, Nova Iguaçu, Rio de Janeiro.
- TIPO: apartamento constando de sala, 3 quartos, cozinha, banheiro, circulação e área de serviço, com 75,00 m² de área construída. ENDEREÇO: Estrada dos Sete Riachos n.º 2.403, bloco 5, Santíssimo, Rio de Janeiro.

Os interessados, pessoas físicas e jurídicas, poderão obter o edital contendo o preço mínimo e outros esclarecimentos no seguinte endereço: Comissão Permanente de Compras e Contratações n.º 11 — CPC-11 — Avenida Rio Branco n.º 174 — 15.º andar, no horário das 10:30 às 16:30 horas, onde serão recebidas as propostas, nas datas abaixo. E antecipamos que as pessoas jurídicas só poderão adquirir os referidos imóveis mediante pagamento à vista.

Item 1 — às 10:00 horas do dia 09.08.78.
Item 2 — às 11:00 horas do dia 09.08.78.